

A Crise Europeia

3—A Estrutura da Europa

por ABEL SALAZAR

Para compreendermos a estrutura da Europa, como complexo histórico, nada melhor do que recordar a estrutura da Grécia. A semelhança é manifesta: a Europa é a imagem em grande e historicamente evoluída da velha Hélade. Esta, como é sabido, era um aglomerado de Estados independentes (as *Cités*), sem unidade política, mas com unidade de civilização. Cada *Cité* era um Estado independente, mas o conjunto, a que chamamos a Grécia histórica, não forma uma Nação, nem mesmo uma Federação. A unidade do todo era, apenas, conferida pela unidade de civilização: pois mesmo a língua se dividia em múltiplas dialectos.

Uma tendência constante para a unificação, tentativas variadas de federação, chocavam-se com o espírito bairrista das *Cités*, que anulava constantemente a tendência unificadora. Assim, a unidade não foi nunca possível, e a Grécia jamais constituiu, politicamente, um todo. Apenas, quando as circunstâncias se impunham, este todo se realizava momentaneamente, e duma forma particular, como durante as guerras gréco-persas. Depois, tudo voltava à forma de equilíbrio, e a *Cité* readquiria a sua independência. Inútil recordar os factos bem conhecidos das lutas de Atenas e Esparta, e os esforços pela conquista da hegemonia. Estes mesmos esforços, sempre fracassados, revelam o duplo movimento acima referido, um com tendência para a unificação, outro mantendo a independência dos elementos. A unificação «exterior» de Filipe, Alexandre e dos Romanos, é um fenómeno particularmente notável, pois a Grécia só atingiu a unidade no fim da sua decadência.

Por outro lado, os elementos componentes da Grécia, as *Cités*—Atenas, Esparta, Tebas, etc.—nem tinham o mesmo espirito político e social, nem o mesmo carácter, nem as mesmas tendências, nem, finalmente, a mesma idade.

Enquanto por exemplo, Atenas evoluía e se diferenciava, tomando-se, por fim, um dos expoentes máximos da civilização de todos os tempos, outras *Cités* paravam na sua evolução, petrificando numa forma arcaica. Assim, a partir de um certo momento, ao lado de Atenas completamente evoluída, permaneciam *Cités* política, social e intellectualmente, num estado perfeitamente medieval.

Por outro lado, mesmo durante a sua evolução conjunta, nada mais diferente do que as tendências opostas de *Cités* como Atenas e Esparta, cujo antagonismo é bem conhecido, e quasi simbólico. Desta forma a Grécia, no seu periodo áureo, é um complexo heterogéneo de estados com tendências, espirito e idade muito diversos. A evolução política, por exemplo, monárquica, oligárquica, democrática, é completamente diversa nas diferentes *Cités*, por forma que ao atingir o estado adulto, estas fórmulas coexistem nos estados mais diversos da sua evolução, espirito e tendências.

O complexo heterogéneo está, porém, até certo ponto, aglutinado num todo pelo espirito comum de civilização e de raça:—e assim uma flutuação constante existe entre dois polos extremos: a unidade e a decomposição.

Tal é o quadro que encontramos precisamente, amplificado e historicamente evoluído, na actual Europa. Bastará dizer que a *Cité* correspondem as actuais Nações, para se definir a semelhança. Unidade de civilização e de raça, independência dos Estados (Nações), unidade geográfica, antagonismo constante das Nações, luta pela hegemonia, impossibilidade de unidade política, duplo movimento no sentido da decomposição (nacionalismos) e da unificação (Sociedade das Nações, Internacionalismo), movimento constante entre dois polos opostos, parentesco das linguas sem unidade, tentativas de lingua universal, etc., são fenómenos que, na actual Europa, reproduzem quasi textualmente os que são característicos da Grécia. A Nação é, pois, a forma evoluída da *Cité*; e a actual Europa o homólogo histórico da antiga Grécia.

Se traçarmos num gráfico as principais características dos complexos históricos gréco e europeu, veremos que a diferença capital reside apenas na evolução histórica que vai da *Cité* à Nação:

GRÁFICO I

GRÉCIA

- 1—Unidade de civilização.
- 2—Unidade de raça.
- 3—Ausencia de unidade política.
- 4—Movimento duplo e contrário no sentido da Unidade e da independência dos elementos. Tentativas de hegemonia e de federação.
- 5—Complexo de *Cités*.

Idade diferente dos elementos.
Idade comum do complexo.

EUROPA

- 1—Unidade de civilização.
 - 2—Unidade de raça.
 - 3—Ausencia de unidade política.
 - 4—Movimento duplo e contrário no sentido da unidade e da independência dos elementos. Tentativas de Napoleão, Estados Unidos da Europa, Sociedade das Nações, etc.
 - 5—Complexo de Nações.
- Idade diferente dos elementos.
Idade comum do complexo.

Como na Grécia as *Cités*, as nações europeias não estão igualmente evoluídas, e não apresentam todas a mesma idade: este facto está bem estabelecido pelos historiadores (ver, por exemplo, Schneider, *Filosofia da História*, Editorial Labor). A Alemanha é mais nova do que a França e a Inglaterra, a Rússia mais nova do que a Alemanha, etc.

Mas, da mesma forma que as diferentes idades das *Cités* não impedem que haja na Grécia uma evolução global comum ao seu complexo histórico, da mesma forma as diferentes idades dos elementos que compõem o complexo europeu, não impedem uma evolução comum—e, portanto, uma idade comum—nêsse complexo. O facto, até certo ponto, é comparável ao que sucede nos organismos, em que a diferença de idade de cérebro e coração, por exemplo, não impede a existência de uma idade geral para esse organismo, e a realização de uma curva geral de evolução.

Devemos, pois, certamente, não esquecer este facto, mas de nenhuma forma considerá-lo como impedindo a existência para o complexo europeu de uma curva geral, e portanto de uma idade geral.

A existência de elementos independentes no complexo, com diferentes idades históricas, em nada invalida, pois, as conclusões formuladas no capítulo anterior sobre a Idade da Europa. Assim é impossível objectar, contra estas conclusões, que uma crise como a russa é uma crise de crescimento, e generalizar este fenómeno à Europa, globalmente. Tal facto é específico, local, referente ao elemento, e não de ordem geral. A sua repercussão geral no complexo histórico é um facto, mas não significa que uma crise de crescimento local, especifica de um elemento do complexo, possa ter a significação de uma crise de crescimento geral.

Fizemos já notar, de resto, que uma crise pode ser complexa, profunda, ao mesmo tempo política, económica e social, ser radical, como o Osirismo, e ser, no entanto, uma crise de crescimento, não uma crise de civilização. E', pois, necessário, entre outras coisas, na análise da crise europeia, não modificar o valor dos factos, ampliando-os em demasia, erro que é vulgar devido às deformações de perspectiva que traz a proximidade d'esses factos e outras circunstâncias. A visão directa nêstes casos não basta, conduz mesmo a deformações inevitáveis, e é necessário empregarmos métodos indirectos e objectivos, sem o que não poderemos ver nem as linhas gerais dos grandes fenómenos históricos, nem a valorização real e relativa dos factos.

Não devemos jamais esquecer que estamos dentro da Crise actual, que participamos dela, e que, portanto, nos é impossível a sua análise directa; que tal análise só pode conduzir a graves deformações de perspectiva, a erros na valorização dos factos, a confusão completa de apreciações. Para alguma coisa de positivo realizarmos temos de nos colocar exteriormente à Crise, e para tal conseguir o único meio de que podemos dispor é o processo de visão indirecta que consiste em examiná-la graças a um método em que o coefficiente de erro pessoal e de posição relativa ao fenómeno seja reduzido na medida do possível. Deformações devidas a causas ideológicas, chovinistas, raciais, místicas, doutrinárias, etc., são constantes nas análises da crise europeia:—e as deformações perspecticas atingem por vezes um grau de quasi monstruosidade.

Por outro lado, as visões parciais, de detalhe, nada nos dizem sobre um fenómeno que só pode ser compreendido em seu conjunto; os detalhes, pela sua enorme acumulação não só obscurecem o conjunto, mas, quando perspectivamente deformados, impedem por completo a visão de conjunto, conduzindo assim a falsas conclusões. A via seguida acima parece-nos ser a mais positiva e objectiva. Independente de qualquer teoria ou filosofia da História, baseia-se em factos globais, que apenas coordena e sistematiza. Desta forma o estudo da curva e da idade da Europa, combinada com uma teoria bio-mecânica da história, fornecem-nos os elementos basilares para uma análise positiva da Crise.

Ponto capital para estas análises é, como dissemos, a Idade

(Continua na página doze)